



www.enaphem.com



## Contos de Malba Tahan: O padre pulava um número

### Malba Tahan's tales: The priest skipped a number

Luara Zwiernik<sup>1</sup>

Andreia Dalcin<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma primeira análise do conto “O padre pulava um número”, que integra uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que analisa, dentre outras coisas, quais elementos matemáticos emergem nas narrativas dos contos de Malba Tahan e de que forma. Considerando as contribuições de Malba Tahan para a Educação Matemática, julgamos importante conhecer, divulgar e analisar as obras deste autor-personagem. A partir da fala de um personagem deste conto, encontramos elementos matemáticos referentes à álgebra. Percebermos que o autor não expressa a intenção de ensinar matemática a partir deste conto, mas ele potencializa discussões sobre a matemática dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** Malba Tahan; literatura e matemática; pensamento algébrico.

#### Introdução

A presente comunicação científica tem por objetivo apresentar uma primeira análise do conto “O padre pulava um número” localizado no “O livro de Aladim”, escrito por Malba Tahan e publicado em 1943 pela editora Getúlio Costa. Esta análise integra uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem como pergunta norteadora “quais elementos matemáticos emergem e como eles são abordados nos contos de Malba Tahan?”.

Malba Tahan é conhecido no campo da Educação Matemática e suas obras já foram lidas por milhares de pessoas, sendo a mais conhecida “O Homem que Calculava”. No entanto, seus contos ainda não são tão conhecidos ou analisados, fato que nos motivou para o desenvolvimento da referida pesquisa.

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da rede municipal de Viamão, Brasil. E-mail: [luarazw@gmail.com](mailto:luarazw@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [andreia.dalcin@ufrgs.br](mailto:andreia.dalcin@ufrgs.br).

Entendemos o conto como um gênero literário que tem como característica apresentar uma narrativa concisa, um texto curto, com poucos personagens que vivem uma história com conflito único. O clímax da história aparece, muitas vezes, logo ao início, mostrando ao leitor qual será o conflito principal da história. Cortázar (2006) aponta a constante comparação do conto com o romance, sendo o tamanho um diferencial entre os dois gêneros de texto. O autor ainda compara conto e romance com fotografia e cinema, sendo o conto, assim como a fotografia, a apresentação de uma única cena.

## **Malba Tahan e a matemática**

Malba Tahan foi o personagem-autor criado por Júlio César de Mello e Souza, escritor e professor de matemática brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 6 de maio de 1895. Durante anos, Júlio César estudou a cultura árabe e a geografia dos países em que esta cultura está presente para poder dar vida a Malba Tahan.

Entretanto, nas primeiras publicações assinadas por Malba Tahan, não era conhecido quem estava por trás deste autor. Para dar vida a Malba Tahan, uma biografia sobre ele foi desenvolvida, contando seus feitos a exemplo do cargo de prefeito em uma cidade e a sua morte em um combate, que tinha como objetivo a liberdade de uma pequena tribo (Siqueira Filho, 2008).

Oliveira, Costa e Silva (2019) organizaram um livro que proporciona reflexões acerca das contribuições de Malba Tahan para a sala de aula, tomando como referência pesquisas de mestrado sobre esta temática. Inicialmente, os autores abordam o seguinte questionamento sobre Júlio César e Malba Tahan, considerando as diversas facetas do autor-professor-personagem: “Eles eram pessoas diferentes?” (Ibid, p. 18). Para encaminhar esta discussão, trazemos a citação que os autores fazem de Salles e Pereira Neto (2016, p. 52-53):

(...) Júlio César de Mello e Souza criou Beremiz Samir para que este escrevesse seus livros; e que Malba Tahan criou Beremiz para que este - no âmbito da literatura- pudesse "pôr em prática" sua concepção matemática, aplicando-a nas situações de vida. Embora devesse ser o contrário, essa linha que vai de Júlio até Beremiz, passando por Malba Tahan, não é uma linha de distanciamento crescente, que vai do real até a fantasia; parece ser exatamente o contrário: Júlio César é que é a fantasia - que se distancia da realidade de sua obra- ocultando-se habilmente atrás de todas essas camadas de imaginação, que levam o leitor a acreditar serem a mais pura e genuína realidade.

Para Siqueira Filho (2008), existiam dois autores, sendo um que escrevia livros sobre matemática para alunos e professores e outro que escrevia livros com matemática, por meio de contos, romances e curiosidades. Malba Tahan foi uma criação tão marcante na vida de Júlio César, que este foi autorizado a adicionar em seu documento de identidade o nome de Tahan. Isto posto, por conta da riqueza e da coerência nos detalhes da criação deste personagem-autor, temos a visão de que esse passa a tomar conta de Júlio César, sendo Júlio César apenas quem faz o intermédio entre Malba Tahan e o público.

De acordo com Oliveira et al. (2019), através de suas obras e livros sobre didática da matemática, Malba Tahan sempre buscou apresentar a Matemática como um instrumento para a vida, relacionando com as aplicações em outras áreas

do saber e buscando rever o papel do professor de Matemática para o ensino. Com isso, foi conhecido por suas metodologias inovadoras para a época, por sua busca pelo novo, pelo ensino a partir da ludicidade, procurando deixar de lado o ensino exclusivamente teórico e expositivo.

Esta iniciativa de abordar a matemática de forma lúdica e criativa, aproximando Matemática e Literatura, está presente nas obras de Malba Tahan, como podemos perceber em “O homem que calculava”, seu livro mais conhecido. Percebemos que a matemática é apresentada de forma explícita, iniciando pelo título, em que o leitor já imagina encontrar elementos matemáticos na narrativa. Porém, estes elementos estão articulados com a narrativa e as situações vivenciadas pelos personagens de modo que, a narrativa, o enredo e seu desfecho assumem o protagonismo, e se o autor possui alguma intenção em ensinar a matemática escolar com esta obra, isso não fica explícito ao leitor.

“O homem que calculava” não é a única obra escrita por Malba Tahan que apresenta elementos matemáticos em sua narrativa, nesta perspectiva nos propomos a analisar os contos por ele produzidos. Neste momento, o conto “O padre que pulava o número”.

### **O conto “O padre pulava o número”, de Malba Tahan**

Selecionamos o livro “O livro de Aladim”, utilizando a primeira edição publicada em 1943 pela editora Getúlio Costa. Ele é constituído por uma coletânea de contos árabes que tem como tradutor fictício Breno Alencar Bianco. Os contos deste livro são organizados através de capítulos, sendo cada capítulo um conto no qual são apresentando os personagens e as situações vivenciadas por eles, de forma independente em cada capítulo. Portanto, os contos podem ser lidos aleatoriamente. Outra característica a ressaltar é que a edição analisada não possui ilustrações, porém, o cuidado e a generosidade dos detalhes, trazidos pelo autor na narrativa, possibilitam ao leitor imaginar os personagens, os locais em que ocorre as histórias e as situações presentes no livro. Dos 28 contos do livro, analisamos neste momento, um conto com o intuito de buscar se, quais e como os elementos matemáticos emergentes na narrativa.

No conto “O padre pulava um número”, dois homens vão até o templo budista e participam de uma cerimônia realizada por um dos monges do templo. O monge inicia com a seguinte afirmação: “Aquele que tem cem desejos tem cem mortificações, aquele que tem noventa e nove desejos têm noventa e nove mortificações, (...)” (Tahan, 1943, p. 40). Conforme o monge seguia com as afirmações, ia decrescendo o número que falava, gerando uma sequência numérica decrescente de 100 a 0, até chegar em nenhum desejo e nenhuma mortificação. Um dos homens, que é o narrador da história, fica impaciente enquanto ouve o monge repetir a mesma afirmação várias vezes.

Ao sair do templo, este homem mostra sua impaciência ao seu amigo, que é matemático. Este, por sua vez, faz uma reflexão sobre as afirmações:

É evidente que o monge, sem sacrificar a sua eloquência, poderia resumir, ou melhor, generalizar os seus ensinamentos por meio de uma fórmula: “Aquele que tem ‘N’ desejos tem ‘N’ mortificações. Sendo ‘N’, na linguagem algébrica, um número qualquer inteiro, nulo ou positivo. E diria, desse modo, que o

número 'N' de desejos é sempre igual ao número 'N' de mortificações (Tahan, 1943, p. 43).

Neste trecho do conto podemos observar que Tahan apresenta a ideia de generalização matemática de forma implícita. Fala por meio do personagem matemático e nos mostra que é possível apresentar uma ideia matemática complexa, como é o caso da formulação de um enunciado algébrico, de forma simples. Malba Tahan em vários de seus textos critica o que chama de “algebrismo”, atribuindo aos algebristas a responsabilidade pela falta de apressos dos estudantes pela matemática, pois “na sua inépcia para chegar a conclusões úteis e interessantes, inventa problemas obscuros, enfadonhos, incríveis, inteiramente divorciados de qualquer finalidade prática e teórica” (Mello & Souza, 1945, p.41). Nos parece que além de criticar, Malba Tahan aponta possibilidades de solução para essa situação e as explicita por meio de seus contos, cujo enredo traz sempre um enigma, um desafio, um problema a ser resolvido. Um problema muito diferente daqueles propostos pelos “algebristas”.

De acordo com Canavarro (2007), o pensamento algébrico é caracterizado pela busca de expressar uma generalização partindo de uma situação matemática, indo além da visão da álgebra como um conjunto de procedimentos envolvendo representações por símbolos. A oração do monge proporcionou ao matemático identificar um padrão em sua fala, possibilitando que este pudesse representar a situação utilizando uma letra para generalizar a frase e afirmando também as restrições para quais números a incógnita N poderia ser substituída, sendo nesse caso o conjunto dos números naturais.

Por meio desse conto, é possível refletir sobre uma perspectiva da álgebra pouco explorada no ambiente escolar, considerando que o estudo desta se limita, muitas vezes, ao estudo da simplificação de expressões algébricas e resolução de equações, não se trabalhando as ideias de generalização e construção de padrões.

Na sequência do conto o matemático traz ainda duas observações: que o monge não menciona o zero na sequência numérica “poderia ter dito: aquele que tem zero desejos tem zero mortificações” e, por fim, que o monge pulou o número 32 em suas contas. Ao ser questionado sobre ser um possível engano do monge, o matemático enfatiza “absolutamente, não houve erro ou distração alguma”, 32 é a quantidade de moedas depositadas como doação na bandeja do altar e deduz que essa foi uma estratégia que o monge encontrou para indicar aos demais sacerdotes a quantia de moedas na bandeja do altar, para que todos pudessem fiscalizar posteriormente as contas feitas pelo tesoureiro. Ainda sugere que eles voltem no dia seguinte para verificar se a sua hipótese está correta, porém o amigo não aceita de forma alguma. Ou seja, o monge, por meio da linguagem matemática, cria uma estratégia de comunicação com os demais sacerdotes e lhes dá uma informação, por meio da ausência de um número, o 32.

O presente conto suscitou algumas questões sem respostas, por que Malba Tahan coloca no título a palavra padre, denominação do sacerdote na igreja católica, sendo que o fato se dá em um templo budista chinês? Ao longo do texto a palavra padre não é mencionada, fazendo uso de monge, pregador e sacerdote. Também nos perguntamos sobre haver ou não alguma razão para a escolha do número 32.

Não esgotamos as possibilidades de análise deste conto, mas trazemos

algumas com o intuito de chamar atenção para a presença de elementos matemáticos nos contos de Malba Tahan e de como eles aparecem por vezes de forma sutil, podendo desencadear reflexões interessantes sobre conceitos e ideias matemáticas.

## Considerações Finais

Apesar de não nos parecer ser a intenção de Malba Tahan, nesse conto, abordar a álgebra ou algum conteúdo da matemática escolar, a presença implícita do conceito de generalização e sequência numérica pode gerar ou potencializar discussões interessantes sobre a matemática, seja no âmbito escolar ou na relação com a literatura. As análises desse e outros contos que estamos trabalhando nos dão indícios de que o professor Júlio César e o autor Malba Tahan, o professor-personagem-autor, ainda tem muito a nos ensinar, e que seus contos, mesmo nos dias de hoje podem se constituir em potentes exemplos de articulação entre matemática e literatura.

## Referências

- Canavarro, A. P. (2007). O pensamento algébrico na aprendizagem da Matemática nos primeiros anos. *Quadrante*, 16 (2), 81-118.
- Cortázar, J. (2006). *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva.
- Oliveira, C. C de, Costa, L. S & Silva, F. M. (2019). *Malba Tahan em sala de aula: possibilidades em sala de aula*. São Paulo: Livraria da Física.
- Mello e Souza (1945). *As grandes Fantasias da Matemática*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa.
- Siqueira Filho, M. G. (2008). *Ali uezid izz-edim ibn salim hank Malba Tahan: episódios do nascimento e manutenção de um autor – personagem*. Tese de Doutorado em Educação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Tahan, M. (1943). *O livro de Aladim*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa.